

**GLOSSÁRIO DE TOPÔNIMOS LATINOS DO BRASIL EM *HISTORIA
NAVIGATIONIS IN BRASILIAM***

**GLOSSARY OF LATIN NAMES OF PLACES IN BRAZIL IN THE *HISTORIA
NAVIGATIONIS IN BRASILIAM***

Lucia Pestana da Silva¹
Fábio Frohwein de Salles Moniz²



Resumo: Este artigo tem por objetivo oferecer aos profissionais de Biblioteconomia e demais pesquisadores alguns contributos para a recuperação de informações em obras raras escritas em língua latina. Mais especificamente, propomos um glossário de topônimos latinos do Brasil em *Historia navigationis in Brasiliam*, de Jean de Léry, para auxiliar profissionais na identificação de palavras que se referem ao Brasil na obra mencionada e em demais obras em latim. Este trabalho se desdobrou do projeto de Extensão “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas”, coordenado pelos professores doutores Fábio Frohwein de Salles Moniz (UFRJ / NEC-FBN) e Rainer Guggenberger (UFRJ / NEC-FBN), realizado em parceria entre a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e a Faculdade de Letras da UFRJ. Na primeira parte deste artigo, contextualizamos o *corpus* de nosso trabalho e os principais recursos utilizados na elaboração do glossário. Na segunda parte, apresentamos o glossário, em que dispomos as palavras encontradas na referida obra, seguida das informações de classe gramatical e definição.

Palavras-chave: Glossário latino; Topônimos do Brasil; Jean de Léry; Viagens ao Brasil.

Abstract: This article aims to offer Librarianship professionals and other researchers some contributions for the recovery of information in rare works written in the Latin language. More specifically, we propose a glossary of Latin toponyms in Brazil in *Historia Navigationis in Brasiliam*, by Jean de Léry, to help professionals identify words that refer to Brazil in the mentioned work and in other works in Latin. This work resulted from the extension project “Núcleo de Documentação em Línguas Clássicas”, coordinated by teachers doctors Fábio Frohwein de Salles Moniz (UFRJ / NEC-FBN) e Rainer Guggenberger (UFRJ / NEC-FBN), carried out in partnership between the Fundação Biblioteca Nacional (FBN) and the Faculdade de Letras da UFRJ. In the first part of this article, we contextualize the corpus of our work and the main resources used in its elaboration of the glossary. In the second part, we present the glossary, in which we have the words found in the referred work, followed by the information of grammatical class and definition.

Keywords: Latin glossary; Toponyms of Brazil; Jean de Léry; Travel to Brazil.

Recebido: 28/07/2023. Aprovado: 24/10/2023. Publicado: 30/12/2023.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lucia.pestana@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1014-7315>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: fabiofrohwein@letras.ufrj.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2364-0011>.

1 Introdução

1.1 Breves considerações sobre o corpus de nosso glossário

Historia navigationis in Brasiliam (HNB) é uma obra do viajante e missionário francês Jean de Léry (1536-1613) que narra sua primeira viagem à América no ano de 1556. A referida narrativa foi primeiro escrita em francês em 1578 com o título de *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil* e, posteriormente, traduzida para o latim. Como não consta o nome do tradutor latino na página de rosto da obra, geralmente se especula que o próprio autor traduziu sua obra para o latim, o que seguiremos neste trabalho. Léry viajou para o Brasil, acompanhando um grupo de cristãos protestantes que tinham como destino a colônia francesa situada na baía de Guanabara. A colônia havia sido fundada por Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1571), oficial e diplomata francês que contava com o apoio financeiro do, também francês, conde Gaspard de Coligny (1519-1572), para manter certo domínio na baía de Guanabara.³

No séc. XVI, os habitantes do Brasil eram predominantemente tupis. Muitas aldeias indígenas situavam-se na extensão da baía de Guanabara, porém, os franceses tiveram um contato maior e mais direto com os tupinambás, que se tornaram inimigos dos portugueses. Os europeus que se aventuravam nas viagens para terras distantes faziam contato pela primeira vez com povos, paisagens, animais nativos, objetos, culturas e línguas extremamente diferentes das conhecidas por eles. Como a rivalidade já existia entre os povos indígenas, assim, cada grupo estrangeiro se aliava ao grupo local com quem o contato fora mais amigável.

Por se tratar de um relato sobre o primeiro contato do autor com a América, *HNB* contém uma quantidade significativa de neologismos latinos. Sempre que julgou necessário, o autor explicou, no próprio texto ou em corandel, os neologismos por meio de um vocabulário mais comum para dar sentido às novas palavras. Dessa maneira, Léry lograva transmitir conhecimento em *HNB*, embora a obra esteja repleta de diversos topônimos e neologismos latinos referentes ao Brasil, que, certamente, eram de total ou parcial desconhecimento do público leitor na Europa.

Na epístola introdutória, Léry expõe ao conde Wilhelm de Hessen (1466-1515), da Alemanha, a importância de que *HNB*, já impressa em francês, fosse traduzida para o latim. Seu argumento principal é o deleite que essa futura versão latina poderá proporcionar ao

³ Mariz e Provençal (2015).

próprio conde e aos demais leitores, que teriam a possibilidade de ler o relato da viagem: “[...] seria muito agradável a ti, se o livro, que escrevi sobre minha viagem à América em francês, fosse ampliado e traduzido para o latim para ser lido por ti” (LÉRY, 1586, *epistola*).⁴

Certamente, a versão em latim favoreceria não apenas ao conde Wilhelm, bem como ao autor, pois, assim, suas aventuras e descobertas na viagem ao Brasil alcançariam um maior número de leitores. Devido aos interesses de Léry, a *epistola* enviada ao conde foi escrita em língua latina, com muitos argumentos a favor de seu pedido e, obviamente, com muita cordialidade, “[...] para que fosse publicado o meu livro traduzido em latim, desenvolvido em várias partes, e, sobretudo, engrandecido sob os auspícios do teu ilustríssimo nome” (LÉRY, 1586, *epistola*).⁵

Ao ter seu pedido aceito, Léry reimprimiu sua obra, então, em 1586 com o texto todo traduzido em língua latina, excetuando-se um breve comentário em grego e em versos dísticos elegíacos, na abertura do livro. Ao todo, são aproximadamente 450 páginas divididas em: página de rosto; *epistola* (carta) inicial para Wilhelm de Hessen escrita por Léry; quatro comentários sobre a obra, não escritos por Léry; *praefatio capitulorum* (prefácio dos capítulos); *praefatio* (prefácio); *psalmum* (salmo); 22 capítulos da obra; *errata* (correções); e *index alphabeticus rerum et verborum* (índice alfabético de assuntos e palavras).⁶

Em resumo, os 22 capítulos narram:

- I Motivo da viagem até o Brasil;
- II Embarque, abordagens marítimas, tempestades e primeiras paradas em terras desconhecidas;
- III Várias espécies marinhas vistas e apanhadas;
- IV A linha do equador, tempestades, inconstâncias dos ventos, calor, sede e outros incômodos durante a viagem;
- V Primeira visão da Índia Ocidental e dos habitantes selvagens e outras coisas que aconteceram no mar até o trópico de Capricórnio;
- VI Desembarque no forte de Coligny, recepção de Villegagnon e seus assuntos na religião e gestão nas partes sobre seu domínio;
- VII Descrição do rio Guanabara, da ilha do forte de Coligny e das ilhas adjacentes;
- VIII Descrição dos selvagens e seus ornamentos;
- IX Raízes e milho, dos quais os indígenas faziam farinha e a bebida chamada cauim;
- X Animais da América;
- XI Morcegos, abelhas, moscas, vermes e as várias aves da América;
- XII Peixes e modo de pescá-los;
- XIII Frutos, árvores, raízes e ervas cultivadas;
- XIV Guerra, bravura e armas dos indígenas americanos;

⁴ “[...] *gratissimum tibi fore, si liber quem de Americana peregrinatione mea Gallice scripseram, amplificatus et Latine conversus tibi legendus offerretur*” (LÉRY, 1586, *epistola*). Todas as traduções do latim para o português, neste trabalho, são de nossa autoria.

⁵ “[...] *ut meus ille liber Latine conversus, et multis partibus auctus, atque amplificatus sub illustrissimi tui nominis auspiciis euulgaretur*” (Idem, *ibidem*).

⁶ Indicamos como leitura complementar a esta publicação Silva e Moniz (2019), em que os autores propõem um estudo inicial sobre o processo preliminar de elaboração do glossário aqui publicado.

- XV Modo como os americanos tratavam seus prisioneiros e como os rituais para matá-los e devorá-los eram realizados;
- XVI A crença dos americanos;
- XVII Casamento, poligamia, graus consanguíneos e modo de educar os filhos;
- XVIII Leis entre os indígenas e tratamento receptivo aos visitantes;
- XIX Modo de cuidar dos doentes, funerais, luto e sepulturas;
- XX Diálogo entre os indígenas tupinambá e tupiniquim em língua brasílica e francesa;⁷
- XXI Partida do Brasil, naufrágios e perigos;
- XXII Fome extrema, tempestades e outros perigos enfrentados na viagem de retorno à França.

Apenas esses 22 capítulos são paginados, porém, apresentam erros de paginação. Cada capítulo se inicia com uma capitular ornamentada, bem ao estilo da tipografia da época. Ao longo dos capítulos, aparecem sete gravuras ilustradas por Theodor de Bry (1528-1598), representando a visão estrangeira a respeito dos habitantes locais e suas culturas. Em todos os capítulos, constam notas nas margens (notas de corandel), para explicar ou exemplificar palavras usadas no texto.⁸

Na próxima seção, trataremos de elementos gráficos presentes na escrita de *HNB* característicos do séc. XVI. Nessa época, não havia uniformização ortográfica do latim, tal como conhecemos atualmente para as línguas modernas, em que o escritor pudesse se basear para redigir sua versão latina. Por isso, ficava a cargo do autor ou do compositor da prancha tipográfica o uso de recursos gráficos, a exemplo de traços, siglas e símbolos abreviativos. Esses elementos podem induzir o leitor contemporâneo ao erro de leitura do texto, caso desconheça as peculiaridades de escrita recorrentes num livro impresso no séc. XVI, ainda que tenha domínio da gramática latina. Equívocos como esses levariam não só à má interpretação, bem como à obstrução do sentido das palavras, das sentenças ou, enfim, do texto como um todo.

1.2 Elementos da escrita no latim de Jean de Léry

Conforme mencionamos anteriormente, o texto de *HNB*, na edição que serve de *corpus* a este trabalho, apresenta peculiaridades tipográficas. Podemos classificá-las didaticamente em: 1) símbolos abreviativos, que indicam a supressão de uma ou mais letras, isto é, consistem em recursos braquigráficos; e 2) sinais diacríticos, que podem exercer função braquigráfica (abreviativa) ou gramatical.

⁷ As palavras tupis do diálogo no cap. XX não foram levadas em consideração para a elaboração do glossário proposto neste trabalho. Entendemos que a transcrição do diálogo não configura a criação de neologismos latinos do Brasil.

⁸ Nossos breves comentários de bibliografia material foram realizados a partir da análise do exemplar de *HNB* (1586), que se encontra na Divisão de Obras Raras da FBN.

Com relação ao primeiro grupo, citamos, como exemplo, o modernamente conhecido “e comercial” (&) e o número nove sobrescrito “⁹”, símbolo abreviativo de terminação *-us*. Quanto ao segundo grupo, alguns exemplos são os sinais diacríticos empregados para marcar informações gramaticais em uma palavra, como *brasilicè* (advérbio “em língua latina”; *cùm* (preposição “com”) *è* (preposição “a partir de”). Outro exemplo desse grupo é o traço que se estende acima da palavra para indicar a abreviação de uma consoante nasal.⁹

De forma geral, esses recursos foram amplamente utilizados em livros impressos em latim até o início do séc. XVII, mas depois caíram em desuso devido às prescrições de gramáticos da época. Disponibilizamos, nas sequências a seguir, exemplos de símbolos abreviativos e de sinais diacríticos encontrados em *HNB*. Convém salientarmos que as transcrições constantes da referida sequência seguem alguns padrões de transcrição estabelecidos por nós ao longo da pesquisa.¹⁰

- 1) Abreviaturas sinalizadas por ponto (.) ou sem marcação foram desenvolvidas entre colchetes: ex. *Richerioq.* > *Richerioq[ue]*;
- 2) O diacrítico abreviativo foi desenvolvido logo em seguida à letra em que ele ocorre: ex. *factū* > *factu[m]* e *Brasiliēsīū* > *Brasilie[n]siu[m]*;
- 3) O diacrítico (`), indicativo de preposição ou advérbio, não é representado: ex. *Brasilicè* > *Brasiliçe*;
- 4) A geminada “æ” foi substituída por “ae”: ex. *Americæ* > *Americae*;
- 5) “s” carolíngio (f) e “s” redondo (s) foram uniformizados por “s”: ex. *Moiffons* > *Moissons*;
- 6) “i” e “j” foram uniformizados por <i>: ex. *Tououpinambaultij* > *Tououpinambaultii*;
- 7) O diacrítico (´) em sílaba anterior às partículas *-que* ou *-ne* não foi representado: ex. *Ioannésque* > *Ioannesque*;
- 8) O colapso de ditongo indicado pelo símbolo “ę” foi substituído por “ae”: ex. *Roberge* > *Roberg[a]e*;
- 9) O diacrítico (^), indicativo de quantidade longa, não foi mantido: ex. *paterfamiliâs* > *paterfamilias*;
- 10) Uniformizamos as variantes de “e” comercial, desdobrando-as por “et”: ex. *Aypi & Maniot* > *Aypi [et] Maniot*;
- 11) O recurso abreviativo “⁹” foi desdobrado em “us”: ex. *vidim⁹* > *vidim[us]*.

As transcrições das palavras feitas neste trabalho buscam uma melhor compreensão dos usos dos recursos de impressão. Levamos em consideração que alguns topônimos¹¹ somente são compreensíveis a partir da descrição dada pelo autor no decorrer do texto.

⁹ Tecnicamente, denomina-se *linea nasalis* esse sinal diacrítico – geralmente um traço – que, embora se assemelhe ao mácron, indica supressão de nasal após vogal, podendo ser um “n” ou um “m”.

¹⁰ As regras de transcrições dos vocábulos utilizados neste trabalho foram elaboradas por nós conforme julgamos necessário e baseadas em Lopes *et al.* (2017).

¹¹ Inseridos nos estudos de Maria Vicentina Dick (1990), entendemos que o topônimo é, a priori, produto de uma motivação coletiva, para manter viva a existência de uma memória cultural, transformando um fator social, cultural ou político em história por meio da linguagem. Portanto, o topônimo representa mais do que um mero batismo a específicas palavras: trata-se de um simbolismo histórico-cultural, empregado a qualquer elemento que represente uma cultura.

Portanto, alguns verbetes do glossário são acompanhados de partes do texto para melhor ilustrarmos sua acepção, o que justifica esta seção em que desenvolvemos e interpretamos os símbolos abreviativos e sinais diacríticos encontrados em *HNB*.

Trabalhamos, neste artigo, não apenas com exemplos de topônimos, mas também com palavras existentes no dicionário de latim clássico empregadas no texto de *HNB* para mostrarmos as ocorrências de recursos de impressão e suas funções. No entanto, não se faz necessário desenvolver todas as palavras que aparecem no texto com algum recurso na escrita, podendo o leitor facilmente compreender todas as outras ocorrências do texto através do exposto nas descrições acima.¹²

1.3 Estrutura e organização de nossa proposta de Glossário

Abordaremos, nesta seção, os critérios de estrutura e organização adotados em nossa proposta de glossário. Se atentarmos para a fisiologia dos verbetes de substantivos e de adjetivos num dicionário de latim clássico, observaremos que suas entradas dispõem de determinada padronização, como verificamos a partir das entradas a seguir: 1) **historia, ae sf**; 2) **evidens, entis adj**; 3) **evitabilis, e adj**; 4) **historicus, a, um adj**. Em 1 e 2, temos as entradas do verbete (*historia* e *evidens*) indicando o nominativo singular seguidos das terminações de genitivo singular (-ae => *historiae*, da história; e -entis => *evidentis*, do evidente). Já em 3 e 4, as entradas do verbete indicam o caso nominativo singular, seguido de terminações. Em 3, após a forma nominativa masculina/feminina (*evitabilis*), há a terminação -e, característica de neutro (*evitabile*). Em 4, temos o masculino (*historicus*) e, logo após, as terminações -a de feminino (*historica*) e -um de neutro (*historicum*).

Dessa forma, o uso do dicionário da língua latina exige uma prévia noção gramatical. No entanto, como já mencionamos neste trabalho, nosso intuito é de oferecermos um glossário que possa ser consultado não apenas por especialistas em latim, mas por todo e qualquer leitor interessado em *HNB*. Sendo assim, um glossário elaborado conforme os padrões de um dicionário de latim traria dificuldades para o não especialista localizar uma palavra, uma vez que, como sabem os latinistas, substantivos e adjetivos latinos mudam sua forma de acordo com a função sintática.

¹² Para complementar a leitura desta seção, indicamos Moniz e Silva (2019).

Contudo, para atender os diversos profissionais que lidam com obras raras, sejam técnicos ou pesquisadores, optamos por dois tipos de ponto de acesso¹³ para os verbetes do glossário, a saber, termos preferenciais e remissivas.¹⁴ Enquanto os termos preferenciais de substantivos e adjetivos declináveis¹⁵ são a forma do nominativo singular, tal como num dicionário de latim clássico, as remissivas, caracterizadas pela presença da abreviatura "cf." (conferir), apresentam as diversas formas de uma mesma palavra – flexões de caso, número e gênero – que se encontram em *HNB*, como nos exemplos abaixo:

America s.¹⁶ América, Brasil.
Americae cf.¹⁷ **America**.
Americam cf. **America**.

Com isso, pretendemos facilitar, para o consulente desconhecedor da gramática latina, a localização do verbete no glossário, na medida em que as remissivas indicam os termos preferenciais. Para esses, adotamos apenas uma forma da entrada, o nominativo, no caso de substantivos e adjetivos. Dessa maneira, o consulente conhecedor de gramática latina poderá também localizar facilmente as palavras, já que mantivemos a padronização do dicionário latino, como já vimos no primeiro parágrafo desta seção.

Quanto aos poucos verbos incluídos no glossário, utilizamos a forma de infinitivo como termo preferencial e, como remissivas, as formas que se encontram em *HNB* – formas nominais e flexões de número, pessoa, voz, tempo e modo – conforme os exemplos abaixo:

boucanare v.¹⁸ moquear.
boucanando cf. **boucanare**.

As variantes ortográficas foram consideradas remissivas de um termo preferencial:

¹³ Utilizamos o termo ponto de acesso neste trabalho com o sentido de “qualquer entrada (ou cabeçalho) sob a qual os elementos de um registro são procurados em sistemas de informação manuais ou automatizados” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 286).

¹⁴ De acordo com Cunha e Cavalcanti (2008, p. 321), remissiva consiste na “relação de equivalência que orienta o usuário indicando o termo preferencial, remetendo do termo específico para o termo mais genérico, indicando preferência ortográfica ou explicando uma sigla”. No caso de nossa proposta de glossário, o termo específico ou remissiva corresponde à forma da palavra (substantivos, adjetivos e verbos) tal como se encontra em *HNB*, ao passo que o termo genérico ou preferencial é a padronização da palavra para fins de economia e centralização da informação.

¹⁵ Identificamos, ainda, palavras invariáveis em *HNB*, cujas formas foram consideradas como termos preferenciais: ex. **cen** s. corda. Do tupi: *çama*. Em tupinambá: *çã*.

¹⁶ Abreviatura de “substantivo”.

¹⁷ Abreviatura de “conferir”.

¹⁸ Abreviatura de “verbo”.

ianouare s. onça. Do tupi: iaguara. *Ian-ouare fera hominibus infesta*: A onça é uma fera inimiga dos homens.¹⁹

ian-ouare cf. **ianouare**.

ianou-are cf. **ianouare**.

ian-u-are cf. **ianouare**.

Por fim, ressaltamos que nem todos os topônimos declinados em *HNB* apresentam todos os casos, inclusive o nominativo singular. Com relação aos verbos, o mesmo ocorre com suas formas finitas. Por isso, para que todas as remissivas tivessem um termo preferencial seguindo nosso padrão estabelecido, utilizamos o “*” (asterisco) com a finalidade de indicar que se trata de uma forma hipotética, estabelecida por nós em analogia a uma palavra do léxico clássico com características morfológicas semelhantes.

Com o objetivo de expormos passo a passo nosso *modus operandi*, exemplificaremos, a seguir, o processo de elaboração de verbetes cujo termo preferencial é hipotético. Primeiramente, identificamos uma palavra em *HNB* a integrar nossa proposta de glossário, ou seja, um topônimo relacionado ao território que corresponde atualmente ao Brasil, como *Caramemos*, que vem do tupi *kara-memua* e significa tonel: ex. [...] *praegrandes offendimus Caramemos ligneos* [...] *potione quadam oppletos*²⁰ ([...] encontramos imensos tonéis de madeira [...] repletos de alguma bebida). Como podemos notar, o substantivo *Caramemos* e o adjetivo *ligneos* formam o sintagma de objeto direto do verbo *offendimus*. Dessa forma, ambas as palavras se encontram no caso acusativo e no plural, o que nos permite, por analogia a substantivos do léxico clássico como *lupus*, entre outros, inferir que a palavra *kara-memua* foi empregada por Léry em latim como de 2a. declinação, propiciando-nos formular a seguinte hipótese: se *lupus* (nom. sing.) > *lupos* (acus. pl.), então **Caramemus* (nom. sing.) > *Caramemos* (acus. pl.).

caramemos cf. ***caramemus**.

***caramemus** s. tonel, barril pequeno. Do tupi: *kara-memua*.

Esse mesmo procedimento foi aplicado também a adjetivos, como, por exemplo, *Boucanatus*, que se origina do tupi *mo-kae* e significa moquear, tostar, assar: ex. [...] *dapes appositae farina ex radicibus Boucanatus piscis*²¹ ([...] a refeição servida, peixe moqueado com farinha de raízes). Como podemos notar, o adjetivo *Boucanatus* e o substantivo *piscis* formam um sintagma de aposto ao sujeito. Dessa forma, ambas as palavras se encontram no

¹⁹ Convém mencionarmos que, sempre que as notas do autor não foram suficientes para determinarmos a acepção de palavras de origem indígena, fizemos o uso dos dicionários de BARBOSA, 1951 e de CARVALHO, 1987.

²⁰ Léry (1536, p. 109, grifo do autor).

²¹ Léry (1536, p. 44, grifo do autor).

caso nominativo e no singular, o que nos permite, por analogia a adjetivos do léxico clássico como *parvus*, *a*, *um*, entre outros, inferir que a palavra *mo-kae* foi empregada por Léry em latim como um adjetivo, propiciando-nos formular a seguinte hipótese: se *parvus*, *parva*, *parvum* (nom. sing. masc., fem. e neutro), então, *boucanatus*, **boucanata*, **boucanatum* (nom. sing. masc., fem. e neutro).

boucanatus, *boucanata, *boucanatum *adj.*²² moqueado, tostado, assado. *Boucanatus piscis*: peixe moqueado.

Por fim, quanto aos verbos, observemos o exemplo de *caouinantium*, forma nominal do verbo **caouinare* proveniente do tupi *cauim* (bebida fermentada de milho ou de raízes): ex. *Strepitu barbarorum saltantium et caouinantium* (com o barulho de bárbaros que dançam e cauinam).²³ Como podemos notar, *caouinantium*, por analogia a *saltantium*, apresenta a vogal temática *-a-*, de 1ª conjugação, e a terminação de genitivo plural *-ium*, exercendo, portanto, a função de adjunto adnominal de *strepitu*. Sendo assim, inferimos que o hipotético infinitivo desse verbo é **caouinare*, de 1ª conjugação, como *saltare*, com o qual se constrói na expressão por meio da conjunção *et*.

caouinantium cf. ***caouinare**.

***caouinare** v. cauinar, beber cauim em ritual indígena. *Strepitu barbarorum saltantium et caouinantium*: com o barulho de bárbaros que dançam e que bebem cauim.

Fizemos uma síntese sobre a elaboração de nosso glossário.²⁴ Mostramos que o leitor que não possui o domínio do latim, mas que por qualquer motivo se utilize do glossário, não encontrará dificuldades para localizar a palavra tal como aparece no texto. Como esclarecemos inicialmente, nossa preocupação derivou do contato com o acervo da Fundação Biblioteca Nacional e com seus bibliotecários, o que nos favoreceu perceber que os profissionais de acervos, infelizmente, não estudam línguas clássicas em sua formação acadêmica, muito embora tenham que lidar com livros nesses idiomas. Nesse sentido, propomos um glossário que sirva, também, de recurso para a catalogação com informações mais detalhadas sobre a obra. O bibliotecário traz à luz informações relevantes a respeito de obras em latim que podem servir comumente de ponto de partida para uma pesquisa científica.

²² Abreviatura da palavra “adjetivo”.

²³ Léry (1536, p. 249, grifo do autor).

²⁴ Para complementar a leitura desta seção, indicamos a breve, mas complementar, leitura de SILVA e MONIZ, 2022, em que os autores apresentam alguns dos topônimos deste glossário para justificar a composição dos verbetes.

2 Glossário de topônimos latinos do Brasil em *Historia Navigationis in Brasiliam*

aca-iou *s.* caju, fruto do cajueiro. Do tupi: *akaiu*.

acarabouten *s.* peixe cará, espécie de peixe.

acaramiri *s.* peixe cará pequeno. Do tupi: *akara* (cará) + *miri* (pequeno).

acaraouassou *s.* peixe cará grande. “*Acaraouassou, piscis delicatissimus*” (LÉRY, 1556, p. 343) (*Acaraouassou*, peixe muito gostoso). Do tupi: *akara* + *uçu* (grande).

acarapep *s.* variedade da espécie de peixe cará. Do tupi: *akara-peba*.

Acara-u *s.* rio Cará; nome de uma aldeia. Do tupi: *akara-y*.

agaiya *adj.* mau, ruim. “*De agaiya*” (LÉRY, 1556, p. 145) (tu és mau). Do tupi: *de* (pronome pessoal) + *agai*.

agatorem *adj.* bom, bondoso, generoso. “*De agatorem*” (LÉRY, 1556, p. 145) (tu és bom). Do tupi: *de* (pronome pessoal) + *agatu-rama*.

agoti *s.* cutia, pequeno roedor. Do tupi: *ako-ti*.

agouti *cf.* *agoti*.

aignan *cf.* *aygnan*.

aiourous *s.* papagaio. Do tupi: *aiuru*.

airy *s.* palmeira. Do tupi: *airy*.

***albacora** *s.* espécie de peixe. “*cum Albacorae degant inter Tropicos*” (LÉRY, 1556, p. 19) (visto que os *albacores* vivem entre os trópicos).

albacorae *cf.* ***albacora**.

albacoram *cf.* ***albacora**.

albacoras *cf.* ***albacora**.

albaioras *cf.* ***albacora**.

Amazonas *cf.* ***Amazonus**, ***Amazona**, ***Amazonum**.

Amazonos *cf.* ***Amazonus**, ***Amazona**, ***Amazonum**.

***Amazonus**, ***Amazona**, ***Amazonum** *adj.* da Amazônia. Em latim: *amazonicus, a, um* ou *amazonius, a, um*.

ameni-iou *s.* algodão. Do tupi: *aman-iu*.

America *s.* América, Brasil.

Americae *cf.* **America**.

Americam *cf.* **America**.

Americana *cf.* **Americanus**, **Americana**, ***Americanum**.

Americanam *cf.* **Americanus**, **Americana**, ***Americanum**.

Americanarum cf. **Americanus, Americana, *Americanum.**

Americani cf. **Americanus, Americana, *Americanum.**

Americanis cf. **Americanus, Americana, *Americanum.**

Americano cf. **Americanus, Americana, *Americanum.**

Americanorum cf. **Americanus, Americana, *Americanum.**

Americanos cf. **Americanus, Americana, *Americanum.**

Americanus, Americana, *Americanum *adj.* da América, americano, brasileiro. Provavelmente, Léry emprega esse adj. relacionado aos indígenas.

ananas *s.* ananás, abacaxi, fruto de uma bromeliácea. Do tupi: *nana*.

Antarctica *s.* Brasil.

aou-ai *s.* espécie de árvore que tem cheiro de alho. Em tupi, há a denominação da árvore paud'alho como: *guara-rema* ou *ybira-rema*.

araboutan *s.* pau-brasil, pau avermelhado. Assim os indígenas chamavam a árvore da região que deu nome ao Brasil. Do tupi: *ybirã-pitanga*. *Ybirã* + *pitanga* (avermelhada).

araboutano cf. **araboutan.**

arabouten cf. **araboutan.**

araroye *s.* adorno usado no corpo feito de penas de avestruz. “*Itaque fit pennarum fasciculus quem sua lingua Araroye appellant.*” (LÉRY, 1586, p. 86) (E assim, o pequeno feixe feito das penas que é chamado por sua língua de *araroye*).

arat *s.* arara. Do tupi: *arara*.

arauers *s.* espécie de abelha. Do tupi: *arapua*.

arignan *s.* galinha. Do tupi *ar-i-nh-ama*.

arignau-miri *s.* galinha pequena. Do tupi *ar-i-nh-ama* + *miri*.

arignau-ousou *s.* galinha grande. Do tupi *ar-i-nh-ama* + *uçu*.

arignau-rapia *s.* ovo de galinha. Do tupi *ar-i-nh-ama* + *rupia*.

aroua *s.* espelho. Do tupi: *ar-u-gua*.

atourassap *s.* meu amigo, meu aliado. Do tupi: *atu-açaba*. Em tupinambá: *atu-açap*.

auati *s.* espiga de milho. Do tupi: *abati*.

aygnama cf. **aygnan.**

aygnan *s.* diabo, demônio, nome de um espírito maligno da floresta. “*nos verberat aygnan*” (*aygnan* nos bate). (LÉRY, 1586, p. 206) Do tupi: *anhanga*. Em tupinambá: *anhã*.

aygnano cf. **aygnan.**

aypi *s.* aimpim. “*radix Aypi ex farina usu probatur*” (LÉRY, 1586, p. 101) (a raiz *Aypi* era apreciada devido ao uso da farinha).

bonita *s.* bonito, espécie de peixe.

bonitas *cf.* **bonita**.

bonitis *cf.* **bonita**.

boucan *s.* grelha de madeira usada para tostar carnes. Do Tupi: *mo-kae*.

boucanando *cf.* **boucanare**.

boucanare *v.* moquear. Do Tupi: *mo-kae*.

***boucanatio** *s.* moqueação.

boucanatione *cf.* ***boucanatio**.

boucanatus, ***boucanata**, **boucanatum** *adj.* moqueado, tostado, assado. “*Boucanatus piscis*” (LÉRY, 1586, p. 14) (peixe moqueado).

boucanaui *cf.* **boucanare**.

boucani *cf.* **boucan**.

boucano *cf.* **boucanare**.

bou-re *s.* colar indígena feito com conchas marinhas.

Brasilia *s.* Brasil. Nome dado pelos viajantes ao local encontrado inspirado pela grande quantidade da árvore pau-brasil. “*In Brasiliam ad Villagagnomem deduxere*” (LÉRY, 1586, p. 86) ([os navios] partiram para o Brasil, ao encontro de Villegagnon).

Brasiliam *cf.* **Brasilia**.

Brasilias *cf.* **Brasilia**.

Brasilicae *cf.* ***Brasilicus**, ***Brasilica**, **Brasilicum**.

brasilice *adv.* em língua brasílica. Vocábulo usado por Léry para se referir à língua falada pelos nativos da região.

Brasilici *cf.* ***Brasilicus**, ***Brasilica**, **Brasilicum**.

Brasilicis *cf.* ***Brasilicus**, ***Brasilica**, **Brasilicum**.

Brasilico *cf.* ***Brasilicus**, ***Brasilica**, **Brasilicum**.

Brasilicum *cf.* ***Brasilicus**, ***Brasilica**, **Brasilicum**.

***Brasilicus**, ***Brasilica**, **Brasilicum** *adj.* do Brasil, brasileiro.

Brasiliensem *cf.* ***Brasiliensis**, ***Brasiliense**.

Brasilienses *cf.* ***Brasiliensis**, ***Brasiliense**.

Brasiliensi *cf.* ***Brasiliensis**, ***Brasiliense**.

Brasiliensibus *cf.* ***Brasiliensis**, ***Brasiliense**.

***Brasiliensis**, ***Brasiliense** *adj.* habitantes da América, brasileiros, do Brasil. “*Hactenus ea quae in mari vidimus, dum Brasiliensium regiones petimus, descripsi.*” (LÉRY, 1586, p. 79)

(Até o momento, narrei as coisas que vimos no mar enquanto buscamos os territórios dos brasileiros.)

Brasiliensium cf. ***Brasiliensis**, ***Brasiliense**.

brasili cf. ***brasilium**.

brasilio cf. ***brasilium**.

***brasilium** *s.* pau-brasil, árvore que originou o nome do país Brasil. Essa árvore foi um rico produto de exportação por causa da tinta avermelhada que dela se podia extrair.

cacicos cf. **cacicus**.

cacicus *s.* cacique.

caiuou-a *s.* couve, vegetal utilizada para fazer sopa.

camouyoupouy-ouassou *s.* espécie de peixe. Provavelmente trata-se da espécie tupi *kamuru uçu* ou *kamury uçu*.

canide *s.* canindé, arara. “Canide *pluma caerulea*” (LÉRY, 1586, p. 128) (arara com plumagem azul) Do tupi: *kaninde*.

canomi-miri *s.* meninos pequenos. Também encontrado na obra como *conomi-miri*. Do tupi: *kurumi*.

caou-in cf. **caouin**.

caouin *s.* cauim, bebida alcoólica indígena feita de milho ou de raízes. Do tupi: *kauí*.

caouinando cf. ***caouinare**.

caouinandum cf. ***caouinare**.

caouinantes cf. ***caouinare** aqueles que bebem cauim.

Caouinantium cf. ***caouinare**.

***caouinare** *v.* cauinar, beber cauim. “*ad caouinandum frequentes barbari conuenerant*” (LÉRY, 1586, p. 260) (Os bárbaros se reuniam muitas vezes para cauinar); “*strepitu barbarorum saltantium et caouinantium*” (LÉRY, 1586, p. 249) (com o barulho de bárbaros que dançam e que bebem cauim).

***caouinatio** *s.* ação de beber *cauim*.

caouinationibus cf. ***caouinatio**.

caouini cf. **caouin**.

Caraias *s.* Carajás, aldeia indígena.

caraiibes *s.* homem branco, estrangeiro; *adj.* feiticeiro, cristão, sagrado. Do tupi: *karaiba*. Em tupinambá: *karaibe*.

caraiibus cf. **caraiibes**.

caraiibum cf. **caraiibes**.

caramemos cf. ***caramemus**.

***caramemus** s. tonel, barril pequeno. “*praegrandes offendimus Caramemos ligneos [...] potionem quadam opletos*” (LÉRY, 1586, p. 109) ([...] encontramos imensos tonéis de madeira [...] repletos de alguma bebida) Do tupi: *kara-memua*.

Cariauc s. nome de uma aldeia.

Carouque s. nome de uma aldeia. “*Alius quoque inter Carouque et Pindo-oussou, cuius etiam appellatio non occurrit.*” (LÉRY, 1586, p. 297) “E também outra [tribo] entre a *Carouque* e a *Pindo-oussou* da qual o nome não foi apresentado.”

cauoin s. cf. **caouin**.

cay s. macaco. Do tupi: *ka-i*.

cen s. corda. Do tupi: *çama*. Em tupinambá: *çã*.

cetaceus s. monstro marinho. Do latim: *cetus*, *-i*: monstro marinho + *ceus*, *-i*: habitantes de Ceos, ilha do mar Egeu.

cherimbaue s. em referência aos animais domesticados. “*Illum [auge] Barbara mulier Cherimbaue hoc est dilectissimum appellabat.*” (LÉRY, 1586, p. 130) (A indígena chamava aquele [*auge* (papagaio)] de *Cherimbaue*, isto é queridíssimo.) Do tupi: *xe* (meu) + *ri*: (partícula afirmativa) + *mbae* (animal de estimação).

choyne s. cuia. Provavelmente do tupi: *kui-ete*.

coaty s. quati. “*Coaty [...] rostro plus pede uno longo [...] vescatur formicae*” (LÉRY, 1586, p. 130) (*Coaty* [...] tem o focinho longo com mais de um pé [...] se alimenta de formigas). Do tupi: *kuati*. Parece haver uma confusão na descrição do quati por parte de Léry. Ele descreve o animal como de focinho longo e diz que come formigas, conhecemos por estas descrições o tamanduá.

coca s. erva coca.

Colinii cf. **Colinius**.

Colinium cf. **Colinius**.

Colinius s. Forte de Coligny. “*in Castellum Colinium*” (LÉRY, 1586, p. 42) (Fortaleza de Coligny) Construído no interior da Baía de Guanabara, na atual ilha de Villegagnon, representava a colônia francesa no Brasil. O nome foi em homenagem a Gaspar II de Coligny, que financiou a expedição francesa à França Antártica.

Colinio cf. **Colinius**.

Colinium cf. **Colinius**.

commenda-miri s. espécie de feijão ou vagem pequena. Do tupi: *komenda* + *miri*.

commenda-uassou s. espécie de feijão ou vagem grande. Do tupi: *komenda* + *uçu*.

conomi-ouassou *s.* indígena adolescente. Do tupi: *kurumi-uçu*.

copau *s.* copaíba, árvore da família das leguminosas. Do tupi: *kopa-yba*; em tupinambá: *kopa-y*.

Corouque cf. **Carouque**.

Corquilercum *s.* nome de um monte na Guanabara em homenagem a Phillippe de Corguilleray.

cotiua *s.* nome de uma aldeia.

coui *s.* cuia, fruto da cuieira. Do tupi: *kuia*.

couroq *s.* fruto do qual é extraído um óleo que serve como repelente. Do tupi: *kurua*.

coutouassat *s.* amigo. Do tupi: *koty-açaba*.

engaipa *adj.* ruim, mau. Do tupi: *ang-aiba*.

***epibata** *s.* galão para armazenar vinho. “*Epibatae vini*” (LÉRY, 1586, p. 11) (pipas de vinho).

epibatae cf. ***epibata**.

aura-miri *s.* abelha pequena; nome de uma aldeia Tupinambá.

euramyry cf. **aura-miri**.

faufel *s.* espécie de planta.

Friense Promotorium *s.* Cabo Frio, região oceânica do Rio de Janeiro.

Ganabara *s.* América, usado para se referir às terras descobertas na Guanabara.

Ganabarae cf. **Ganabara**.

Ganabaram cf. **Ganabara**.

Ganabarasim cf. **Ganabara**.

Geneurensis, ***Geneurensis** *adj.* Rio de Janeiro, como os portugueses chamavam a enseada da Guanabara. Em referência ao mês de janeiro, mês em que chegaram ao local.

genipat *s.* jenipapo, fruta usada pelos indígenas para pintar o corpo. Do tupi: *ianyapaba*.

geran *s.* espécie de palmeira.

gonambuch *s.* espécie de ave pequena.

gossypio cf. ***gossypium**.

***gossypium** *s.* algodão.

guaiaci cf. ***guaiacum**.

***guaiacum** *s.* guáiaico, planta medicinal usada no tratamento da sífilis. O autor compara esta planta com a planta nativa *hiuourae*.

Guanabara *s.* Baía de Guanabara, Rio de Janeiro. Nome dado pelos indígenas à enseada do Rio de Janeiro.

guap s. pente. Em tupinambá: *gyap*.

hay s. bicho preguiça. “Hay *deforme animal*.” (LÉRY, 1586, p. 274) (O bicho preguiça é um animal feio.) Do tupi: *ai*.

Henricurbe cf. ***Henricurbs**.

***Henricurbs** s. cidade de Henrique. O autor se refere ao lugar imaginário na Baía de Guanabara que o cosmógrafo viajante Francês André Thevet colocou em suas obras em homenagem ao rei Henrique II.

hetich s. raiz. Ao que parece na descrição de Léry, são batatas.

heura s. mel. Do tupi: *eira*.

hiourae s. espécie de árvore utilizada no tratamento da *pia*. cf. **pians**.

huuassu s. Rio Grande. “Huuassu *barbaris appellata*” (LÉRY, 1586, p. 32) (chamado de *Huuassu* pelos selvagens) Como os indígenas chamavam o local brasileiro de primeira ancoragem da expedição que Léry estava. Do tupi: *yguaçu*. *y* (rio) + *uçu* ou *guaçu* (sufixo de grau: grande).

***iacara** s. jacaré. Do tupi: *ia-kare*.

iacararum cf. ***iacara**.

iacare cf. ***iacara**.

iacaris cf. ***iacara**.

iacou-ouassou s. jacu grande. Do tupi: *iaku-uçu*.

iacoupen s. uma variedade de jacu. Do tupi: *iaku-pema*.

iacous s. jacu, espécie de ave. Do tupi: *iaku*.

iacoutin s. jacutinga. Do tupi: *iaku-tinga*.

ianouare s. onça. “*Ian-ouare fera hominibus infesta*” (LÉRY, 1586, p. 120) (A onça é uma fera inimiga dos homens) Do tupi: *iaguara*.

ian-ouare cf. **ianouare**.

ianou-are cf. **ianouare**.

ian-u-are cf. **ianouare**.

inis s. rede de dormir. “*Cubilia sua xylina inis nuncupant*.” (LÉRY, 1586, p. 144) (Eles chamam suas camas de algodão de *inis*.) Do tupi: *ini*.

inubia s. corneta. Do tupi: *io-mbya*.

ionquet s. sal. Do tupi: *iukut*.

ioup s. amarelo. Do tupi: *iuba*.

iouue cf. **ioup**.

kaagerre *s.* nome dado ao espírito que atormenta os indígenas. Para Léry, era o diabo. Do tupi: *kaa* (mato) + *guara* (pode ser: comedor; o que mora em; pegar).

Keri-u *s.* nome de uma aldeia.

kuap cf. **guap**.

kurema *s.* variedade de tainha. Do tupi: *kurima*.

La Briqueterie *s.* Olaria construída na região onde hoje é o Aterro do Flamengo, bairro do Rio de Janeiro. Uso de palavras francesas nas descrições de lugares na região da Guanabara. Este local serviu de estadia para Léry após desentendimento com Villegagnon.

Laterana *s.* Laterana, praia onde Léry e seus companheiros se abrigaram após desentendimento com Villegagnon, situada do lado esquerdo da Guanabara.

Le Ratier *s.* o Ratier, o rateiro, como os franceses chamavam um rochedo raso na Guanabara.

leripes cf. ***leripis**.

***leripis** *s.* ostra.

Lery-ouassou *s.* Lery Grande ou Ostra Grande; maneira como Jean de Léry se apresentou aos indígenas.

macacoua *s.* espécie de ave.

Maghe *s.* Macaé, ilhas de Macaé. Local até hoje chamado de Macaé. Não se pode precisar exatamente o que esta palavra do tupi quer dizer devido suas diversas possibilidades de interpretações.

Maghenses cf. **Maghe**.

Maghensibus cf. **Maghe**.

Mag-hensis cf. **Maghe**.

mair *s.* franceses. Como os indígenas chamavam os franceses. Do tupi: *maira* (homen branco; francês; estrangeiro).

mais *s.* mais, trigo peruano comparado por Léry ao trigo que os indígenas brasileiros cultivavam.

maniot *s.* mandioca, raiz usada para fazer o cauim, uma bebida fermentada.

manobi *s.* amendoim. “*illi Manobi vocant, qui sub terra nascuntur*” (LÉRY, 1586, p. 166) (eles chamam de *manobi* [o fruto] que nasce debaixo da terra) Do tupi: *mandubi*.

Maq-he cf. **Maghe**.

maraca *s.* maracá, instrumento musical, chocalho. Do Tupi: *maraka*.

Margaias *s.* Margaiás. Nome dado pelos franceses aos primeiros indígenas a se aliarem aos portugueses. Encontrados na Região do Espírito Santo, eram indígenas inimigos dos Tupinambás, estes os chamavam de Maracajás “grande onça”.

Margaiates cf. **Margaias**.

Margaiatibus cf. **Margaias**.

Margaiatium cf. **Margaias**.

marganas *s.* espécie de papagaio.

margou-ia *s.* laranja, como os tupinambás chamavam a laranja.

maria *s.* mulher; indígena. Como os portugueses chamavam as indígenas.

mastiche *s.* mastique, resina retirada de pequenos arbustos.

maurobi *s.* como os tupinambás chamavam as contas coloridas trazidas pelos franceses.

maurongaus *s.* espécie de abóbora.

mauroubi cf. **maurobi**.

mingant *s.* mingau feito de farinha e pimenta. Do tupi: *mi-ngau*.

Mingantius *s.* nome de um indígena Margaiá que foi vendido como escravo para os franceses.

miri *adj.* pequeno. “*Miri enim eorum lingua, paruulum sonat.*” (LÉRY, 1586, p. 141) (Pois *mirim* na língua deles significa pequeno.)

Moab *s.* como era chamado o forte português de nome Espírito Santo. Provavelmente se trata do prefixo verbal tupi *mo + aba*. Há diversas maneiras de compor o significado desta palavra a partir do tupi, porém o contexto da obra não deixa claro em qual deles é o correto empregado no texto de Léry.

mocaouassou *s.* canhão grande. Do tupi: *mo-kab-uçu*.

moissons *s.* como os normandos chamavam os periquitos. cf. **touis**.

Morgouia-ouassou *s.* nome de uma aldeia.

Morpion *s.* Morpion, uma fortaleza portuguesa na mata do Brasil.

mousacat *s.* querido, estimado, chefe, título de respeito, pai de família. “*Moussacat, paterfamilias hospites escipiens.*” (LÉRY, 1586, p. [352]) (Moussacat, pai de família que enfrenta os inimigos.) *Paterfamilias* é um vocábulo bem específico da cultura romano e, tem por entendimento ser o chefe da família romana, membro mais respeitado e que exercia o poder sobre sua família. Do tupi: *mbo-ça-ka*.

mouton *s.* mutum, ave galiforme. Do tupi: *mutu*.

Nian *s.* como os indígenas pronunciavam o nome *Iohannes*.

Ocarantin *s.* aldeia Ocarantim.

Ocarentim cf. **Ocarantin**.

Ocarentin cf. **Ocarantin**.

orapacen *s.* arco e corda.

orapat *s.* arco. Do tupi: *urapar-a*; em tupinambá: *uru-pa*.

orapats cf. **orapat**.

ouara *s.* espécie de peixe.

Oueanen *s.* tribo amiga dos tupinambás.

Ouetacas *s.* Ouetaca; Goitacá; Guaitaká. Tribo inimiga das tribos Tupi, localizados na extensão do rio Paraíba do Sul e do rio Macaé. Por serem encontrados em uma das regiões do interior do Rio de Janeiro, originou-se o nome do local atualmente conhecido como Campos dos Goytacazes. Do tupi: *guai-t-aka*.

Ouetacates cf. **Ouetacas**.

Ouetacati cf. **Ouetacas**.

Ouetacatibus cf. **Ouetacas**.

Ouetacatium cf. **Ouetacas**.

oura *s.* verme. Porém Léry pode ter se equivocado e usado com o sentido de *uru*: ave.

Oura ouassou-ouee *s.* nome de uma aldeia.

oussa *s.* caranguejo. Do tupi: *uçã*.

ouy-entan *s.* farinha dura, farinha mais cozida. Do tupi: *ui-ata*.

ouy-pou *s.* farinha mais tenra, menos cozida. Do tupi: *ui-paba*.

paco *s.* banana. “*Pacos poma oblonga*” (LÉRY, 1586, p. 156) (bananas são frutas oblongas). Do tupi: *pakoba*; em tupinambá: *pako*.

paco-aire *s.* bananeira.

pacos cf. **paco**.

pag *s.* paca, espécie de roedor.

pages *s.* pajé, feiticeiro, médico. Do tupi: *paie*.

pague cf. **pag**.

paicacu *s.* espécie de ave.

panacon cf. **panacous**.

panacous *s.* cesto. Do tupi: *panaku*.

pana-pana *s.* peixe martelo. “*Pana-pana piscis capite deformi*.” (LÉRY, 1586, p. [354]) (Pana-pana é um peixe com a cabeça disforme.) Do tupi: *pana-pana*.

panou *s.* tucano do peito vermelho.

Para-miri *s.* mar pequeno, rio pequeno. Do tupi: *para* (mar; rio) + *miri*.

parati *s.* peixe parati, espécie de tainha. Do tupi: *parati*.

Pauo *s.* nome de uma aldeia.

Paycolas *s.* como Villegagnon era chamado pelos Tupinambás.

pegassou *s.* espécie de ave.

peoreru picheh *s.* velho, ancião, príncipe, chefe, superior.

Pepin *s.* Pepin. Como os franceses chamavam a aldeia Jaburaci, o nome foi dado por se tratar do nome do comandante de um navio que havia ancorado ali.

peros cf. ***perus**.

***perus** *s.* homem português, inimigo da tribo Tupinambá. Uma das poucas palavras portuguesas (Pero; Pedro) absorvidas pelo vocabulário tupi. Do tupi: *pero*.

petum *s.* erva usada para o fumo, fumo. Do tupi: *petyma*; em tupinambá: *pety*.

pians *s.* doença; boubá. Do tupi: *pia*.

pinda *s.* anzol. Do tupi: *pinda*.

pindo *s.* pindo; espécie de palmeira. Do tupi: *pindoba*; em tupinambá: *pindo*.

Pindo-ouassou *s.* nome de uma aldeia.

piperis *s.* jangada.

pira *s.* peixe. Do tupi: *pira*.

piramiri *s.* peixe pequeno.

Pira-ouassou *s.* aldeia Pira Açú.

piraparati *s.* peixe parati, espécie de tainha. Do tupi: *pira parati*.

Pirai-iou *s.* aldeia Piraniju.

Piraijou cf. **Pirai-iou**.

pira-yochi *s.* peixe ruim. Do tupi: *pira + ipoxy* (ele é ruim).

***Plata** *s.* Prata, Rio da Prata.

Platam cf. ***Plata**.

Pot de beurre *s.* como os franceses chamavam o um rochedo na Guanabara por alusão ao pote de manteiga francês, hoje conhecemos como pão de açúcar.

puissa-ouassou *s.* rede grande, rede de pescar. Do tupi: *pyça-uçu*.

quampian *s.* fêmea de espécies de aves com penas vermelhas.

quoniam *s.* fêmea, mulher. “*Cultus vero foeminarum quas illi Quoniam, e quibusdam in locis ex quo commercium cum Lusitanis habent Maria nominant, quanto fit praestantior dispiciamus.*” (LÉRY, 1586, p. 92) (De fato, observamos o quanto foi superior os costumes das mulheres as quais aqueles chamavam *Quoniam* e, *Maria* em certos lugares de onde possuem comércio com os portugueses.) Do tupi: *kunã*.

sabaucáie *s.* sapucaia. O fruto desta árvore é utilizado para fazer o maracá. Do tupi: *ia-çapukaia*.

sago cf. **sagouin**.

Sagonem cf. **sagouin**.

sagouin s. sagui. Do tupi: *çagui*.

Sapopein s. Sapopen, nome de uma aldeia.

saracenum s. trigo sarraceno, planta conhecida dos franceses parecida com uma planta encontrada no Brasil. Os indígenas mais antigos usam as folhas para fazer vestimentas.

sarigoy s. gambá. “*Sarigoy animal foetidum*” (LÉRY, 1586, p. 116) (o gambá é um animal que cheira mal).

sarracenum cf. **saracenum**.

sarrigoy cf. **sarigoy**.

seouassous s. corça, veado. Do tupi: *çu-açu*.

siliquastrum s. espécie de árvore.

solano cf. ***solanum**.

***solanum** s. gênero de plantas da família solanáceas.

soo s. animal de caça. Do tupi: *çoo*.

***sulmo** s. salmão, espécie de peixe. No latim clássico, refere-se a um nome próprio: Sulmona; Sulmão.

sulmoni cf. ***sulmo**.

***sus** s. golfinho. No latim, este mesmo vocábulo quer dizer animal marinho, peixe.

suum cf. ***sus**.

***tacaps** s. tacape, clava feita de madeira. Em tupi: *ygapema*.

tacape cf. ***tacaps**.

tacapes cf. ***tacaps**.

taiassou s. porco-do-mato, javali. Do tupi: *tai-açu*.

tamouara s. espécie de peixe. Possivelmente do tupi: *tamo-ata*.

Tapemiry s. Itapemirim, nome dado pelos indígenas à região localizada no estado do Espírito Santo. Do tupi: *itape* (pedra chata) + *miri*.

tapi-roussou cf. **tapiroussou**.

tapiroussou s. anta, boi, vaca. Do tupi: *tapiir-uçu*.

tapitis s. coelho silvestre. Do tupi: *tapiiti*.

tata s. fogo. Do tupi: *t-ata*.

tatapecoua s. abano usado para manter a fogueira acesa.

tatatin s. fumaça. Do tupi: *ata-tinga*.

tatou s. tatu. Do tupi: *tatu*.

Tentimen s. nome de uma tribo.

tocon cf. **toucon**.

ton s. inseto parecido com a pulga. Do tupi: *tunga*; em tupinambá: *to*.

toucan s. tucano. No vernáculo Francês: *toucan* (ave de bico grande). Do tupi: *tucan*.

toucan-tabourace s. espécie de tucano.

toucon s. espécie de palmeira utilizada na confecção de linhas para pescar. Do tupi: *tuku*.

touis s. periquito. Do tupi: *tui*.

Tououpinambaltiis cf. **Tououpinambaultius**.

Tououpinambaltio cf. **Tououpinambaultius**.

Tououpinambatiorum cf. **Tououpinambaultius**.

Tououpinambaultij cf. **Tououpinambaultius**.

Tououpinambaultiorum cf. **Tououpinambaultius**.

Tououpinambaultios cf. **Tououpinambaultius**.

Tououpinambaultium cf. **Tououpinambaultius**.

Tououpinambaultius s. Tupinambá. Tribo dos Tupinambás, aliados aos franceses.

Tououpinambausiis cf. **Tououpinambaultius**.

touous s. lagartos cinzentos. Do tupi: *tuus*.

toupan s. raio, trovão. Do tupi: *tupã*.

Toupinenquin s. Tupiniquim. Trigo indígena inimiga dos Margaiás.

trayetic s. cera, nome da cera utilizada na ornamentação corporal. Do tupi: *Iraity*.

trichides s. espécie de peixe.

***Triton** s. tritão, nome dado ao mostro marinho que foi relatado à Léry. Do latim: *Triton, onis* (deus marinho, filho de Netuno).

Tritonibus cf. ***Triton**.

tyuire *adj.* nefando. Do tupi: *tebira*.

***Vasas** s. nome dado ao braço de mar localizado no caminho até o Rio da Prata.

Vasarum cf. ***Vasas**.

vheen s. água salgada. “*aquam dulcem a Barbaris vhetē, salsam vero vheen appellari*” (LÉRY, 1586, p. 110) (a água doce era chamada de *vhetē* pelos indígenas, e, de fato, a salgada de *vheen*).

vhetē s. água doce.

vignol s. concha marinha usada para fazer enfeites indígenas.

Ville-Henry cf. ***Henricurbs**.

vpec s. pato; nome de uma aldeia. Do tupi: *ypeka*.

xilino cf. ***xilinus**.

***xilinus** *adj.* de algodão.

xyla cf. ***xylum**.

***xylum** *s.* algodão.

Yaboraci *s.* aldeia Jaburaci.

yaci *s.* jacy, enfeite feito de ossos. Na língua indígena quer dizer lua protetora dos amantes e da reprodução.

Ybouraci cf. **Yaboraci**.

Yempenambi *s.* enfeite feito de penas e usado na cabeça.

yetic *s.* cera. Do tupi: *iraity*.

yetin *s.* mosquito. “*Yetin culices lancinantes*” (LÉRY, 1586, p. [358]) (*yetin* são mosquitos que ferem.)

ygat *s.* canoa; embarcação. Do tupi: *ygara*.

ynambou-ouassou *s.* nambu grande, ave. Do tupi: *inambu uçú*.

ynambour-miri *s.* nambu pequeno, ave. Do tupi: *inambu miri*.

ypochi *adj.* ele é ruim; ele é mau. Do tupi: *ipoxy*.

yra *s.* mel. Do tupi: *eira*.

yra-ietic *s.* colméia. Assim Léry descreve na obra, porém verificamos uma aproximação fonética de *yra-ietic* com *iraity* (cf. **yetic**). Segundo o dicionário tupi (BARBOSA, 1951), colméia seria *eir-etama*.

yri *s.* espécie de palmeira. Do tupi: *airy*.

yuire *s.* espécie de árvore que fornece uma fibra.

Referências

BARBOSA, A. Lemos. **Pequeno vocabulário tupi-português**. Rio de Janeiro: São José, 1951.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. **Dicionário tupi (antigo) português**. Salvador: BCB, 1987.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

LÉRY, Jean de. **Historia navigationis in Brasiliam: qva describitvr avtoris nauigatio, quaeque in mari vidit memoriae prodenda: Villagagnonis in America gesta: Brasiliensium victus & mores, à nostris admodum alieni, cum eorum linguae dialogo: animalia etiam, arbores, atque herbae, reliquáque singularia & nobis penitùs incógnita.** Genève: Suíça, 1586.

_____. **Histoire d'un Voyage fait em la terre du Brésil.** La Rochelle: Antoine Chuppin, 1578.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. **Olhares sobre o português medieval:** Filologia, História e Língua. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2017.

MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. **Os franceses na Guanabara:** Villegagnon e a França Antártica. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SILVA, Lucia Pestana; MONIZ, Fábio F. de Salles. A construção de um glossário de topônimos latinos no Brasil. **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios.** n. 1, v. 7. Juiz de Fora, p. 109-118, 2019.

_____. Glossário de topônimos latinos do Brasil em *Historia navigationis in Brasiliam:* breves comentários. **Anais da Biblioteca Nacional,** Rio de Janeiro, v. 140, p. 39-48, 2020. Biblioteca Nacional, 2022.

